



ISOMORFISMO: UMA PONTE PARA CONECTAR GESTALT-TERAPIA, PSICOLOGIA DA GESTALT E NEUROCIÊNCIAS¹²

Isomorphism: a bridge to connect Gestalt therapy, Gestalt theory and Neurosciences

Isomorfismo: Un Puente para Conectar Terapia Gestalt, Psicología Gestalt y Neurociencias

Margherita Spagnuolo Lobb

Resumo: a autora destaca um ponto de inflexão epistemológico na abordagem do diagnóstico e do tratamento compartilhado pela Gestalt-terapia, pela Psicologia da Gestalt e pelas Neurociências. Todas as três disciplinas optam por lidar com o campo fenomenal, embora com diferentes acentos, e o conceito de isomorfismo é, em certo sentido, a expressão disso. O conceito de isomorfismo, a descoberta de neurônios-espelho e a teoria do contato da Gestalt-terapia endossam o fato de que o que “reside” em nosso cérebro é a capacidade de se ajustar criativamente ao que é sentido na fronteira de contato com o outro/ambiente. Partindo do interesse renovado da Gestalt-terapia no estudo da fenomenologia, este artigo especula sobre uma conexão mais fundamentada entre a Psicologia da Gestalt e a Gestalt-terapia. Consequências clínicas dessa mudança de perspectiva são mostradas através de uma sessão ao vivo que a autora realizou na presença de Vittorio Gallese, e sobre a qual ele comentou mais tarde.

Palavras-chave: Isomorfismo; Gestalt-terapia; Psicologia da Gestalt; Neurônios-espelho; Do-agora-para-o-que-está-por-vir; Fronteira de contato.

Abstract: The author highlights an epistemological turn in the development of diagnosis and treatment that is common to Gestalt Therapy, Gestalt Theory and neuroscience. All three disciplines deal with the phenomenal field, albeit with different emphases. The concept of isomorphism is, in a sense, an expression of this. The concept of isomorphism, the discovery of mirror neurons and the relationship theory in Gestalt Therapy confirm the fact that what “dwells” in our brain is the ability to creatively respond to what is felt at the boundary of contact with others and the environment is to be adjusted. Drawing on Gestalt therapy and its renewed interest in phenomenology, this article considers a more grounded connection between Gestalt Theory and Gestalt Therapy. The consequences of this change of perspective in clinical work are clearly illustrated by a live session that the author held in the presence of Vittorio Gallese, and on which he commented at a later date.

Keywords: Isomorphism, Gestalt Therapy, Gestalt Theory, Mirror neurons, Now-for-next, Contact boundary.

Resumen: La autora destaca un punto de inflexión epistemológico en el enfoque del diagnóstico y del tratamiento compartido por la Terapia Gestalt, la Teoría Gestalt y las Neurociencias. Las tres disciplinas optan por tratar con

¹ Este artigo é uma tradução autorizada pela revista Gestalt Therapy, 2016, (ISSN 0170-057 X), Vol. 38, No.1, 41-56

² Gostaria de agradecer à Prof. Fiorenza Toccafondi por suas sugestões neste artigo. Uma versão mais longa pode ser encontrada em Spagnuolo Lobb M. (2013). Isomorfismo: un ponte concettuale tra psicoterapia della Gestalt, psicologia della Gestalt e neuroscienze. In: Cavaleri, P.A. (ed): *Psicoterapia della Gestalt e Neuroscienze. Dall'isomorfismo alla simulazione incarnata*. Milano: Franco Angeli.

² Isso influenciou em parte o cognitivismo dos anos 60 em termos da atenção dada aos aspectos inatos do comportamento.

el campo fenoménico, aunque con diferentes énfasis, y el concepto de isomorfismo es, en cierto sentido, la expresión de ello. El concepto de isomorfismo, el descubrimiento de las neuronas espejo y la teoría del contacto de la Terapia Gestalt respaldan el hecho de que lo que “reside” en nuestro cerebro es la capacidad de ajustarse creativamente a lo que se siente en la frontera-contacto con el otro/entorno. Partiendo del interés renovado de la Terapia Gestalt en el estudio de la fenomenología, este artículo especula sobre una conexión más fundamentada entre la Teoría Gestalt y la Terapia Gestalt. Las consecuencias clínicas de este cambio de perspectiva se muestran a través de una sesión en vivo que la autora realizó en presencia de Vittorio Gallese, y sobre la cual ella comentó más tarde.

Palabras clave: Isomorfismo; Terapia Gestalt; Teoría Gestalt; Neuronas espejo; Del-ahora-para-lo-que-vendrá; Frontera-contacto.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, destacarei um ponto de inflexão epistemológico na hermenêutica e no trabalho clínico compartilhado pela Gestalt-terapia, pela Psicologia da Gestalt e pelas Neurociências. Usarei o conceito de isomorfismo como uma possível ponte conectando esses três métodos e, finalmente, apresentarei as consequências clínicas dessa mudança de perspectiva.

Entendo que abordar o isomorfismo dentro de qualquer uma dessas áreas seria um desafio suficiente. Dar corpo ao conceito como um princípio de conexão entre as três áreas é um empreendimento muito ambicioso. Portanto, quero observar desde o início que meu interesse é especulativo e não teórico: o conceito de isomorfismo, a descoberta de neurônios-espejo e a teoria do contato da Gestalt-terapia endossam o fato de que o que “reside” em nosso cérebro é a capacidade de se ajustar criativamente ao outro/ambiente, inferindo seus movimentos intencionais.

Desde o início do Século XX, a Psicologia da Gestalt desenvolveu a perspectiva fenomenológica na psicologia europeia, usando um método de pesquisa (referido como fenomenológico ou fenomenológico experimental) baseado em uma descrição precisa da experiência imediata de situações (estímulos) por indivíduos. Assim, o estudo da percepção foi colocado no centro das atenções e o foco foi deslocado para os sentidos e a experiência sensorial.

Nos anos 40, Frederick e Laura Perls, dois psicanalistas que estudaram no laboratório de Goldstein em Frankfurt, tentaram integrar em sua prática psicanalítica a atenção aos sentidos e ao que é percebido, conforme aprenderam como estudiosos da Psicologia da Gestalt, a fim de ir além dos aspectos identificados por eles como os limites da psicanálise. A Psicologia da Gestalt desempenhou um papel crucial na mudança epistemológica que ocorreu progressivamente no pensamento clínico deste casal, que acabaria por encontrar a Gestalt-

terapia³ em Nova York junto com outros. O fato de eles se concentrarem na concretude da experiência sensorial também mudou radicalmente a perspectiva antropológica e de tratamento que caracterizava a psicanálise na época, não mais enfatizando a análise (e a dicotomia cartesiana), mas o apoio à intencionalidade (e à estética do contato).

Nos anos 90, as descobertas das neurociências provaram a existência de estruturas no cérebro responsáveis pela percepção de fatores emocionais e intencionais pertencentes ao outro (objeto percebido). Essas descobertas nos fazem especular, por um lado, sobre a condição unitária entre organismo e ambiente que ocorre antes da formação de um eu separado e, por outro lado, sobre uma espécie de isomorfismo (Eagle & Wakefield, 2011) entre o funcionamento do cérebro e a vida relacional. Acontece que nosso cérebro é feito para ser relacional.

Isso não é porque constrói relacionamentos com base em dados sensoriais; por outro lado, os dados sensoriais – que emergem de um “ser-com” como figuras conectadas a outros dados complexos em um fundo compartilhado – nos permitem fazer parte de uma “evidência natural” assim como pertencer ao mundo (Blankenburg, 1998; Spagnuolo Lobb, 2013a; 2013b). Hoje, estudando a percepção, as neurociências descobrem o que ocorre quando há a capacidade de sentir o outro, mesmo quando a percepção do outro não faz parte da experiência pessoal (Rubino, 2011): uma espécie de “sabedoria intuitiva” que leva de volta a uma condição primária e unitária entre organismo e ambiente, da qual nosso cérebro preserva um traço. A função de sobrevivência dessa correspondência entre o eu e o mundo⁴ em termos de evolução é óbvia. Assim, podemos explicar o isomorfismo: percebemos o mundo através de estruturas e funções cerebrais que reproduzem sua essência.

Nascemos com a capacidade de estar com o outro e, durante a nossa vida, podemos desenvolver essa competência ou bloqueá-la. Assim, o propósito da psicoterapia não é mais analisar dinâmicas inconscientes para possibilitar a formação de um eu baseado no princípio da realidade, mas permanecer dentro da experiência compartilhada e extrair dela a solidez da

³ Veja Bocian (2012) para uma biografia dos anos que esse casal passou em Berlim – no coração da cultura centro-europeia – elaborando aquelas ideias inovadoras que estariam na base do nascimento da terapia Gestalt em Nova York nos anos 50.

⁴ Como Köhler escreveu (1938, 396): “*O princípio do isomorfismo psicofísico decorre do princípio da evolução.* O isomorfismo representa de fato a única maneira pela qual a vida mental pode ser interpretada dinamicamente, na qual ela pode se tornar um assunto da física. Se quisermos considerar a descoberta do neurônio-espelho, ou a teoria da simulação incorporada, podemos querer considerá-la no contexto da dinâmica invariante – sugestiva de um tipo de universalidade na experiência sentida (descrita bem por Köhler em seu *Psychology and Evolution*, 1950, bem como em *Place of Value*).

percepção que permite a diferenciação entre um eu e um você.

O CONCEITO DE ISOMORFISMO E A SUPERAÇÃO DAS DICOTOMIAS

Para construir a ponte que conecta essas três abordagens (Gestalt-terapia, Psicologia da Gestalt e neurociências), partirei de uma análise aprofundada do conceito de isomorfismo. Como afirma Henle (1984), é o conceito que tem sido sujeito ao maior número de mal-entendidos na Psicologia da Gestalt.

Dada a considerável confusão em torno da interpretação do conceito (Luccio, 2010), e sua suscetibilidade a mal-entendidos grosseiros e deturpação, faz-se necessário não aumentar essa confusão. É importante manter a clareza sobre o que era a concepção original e de que maneira eu a uso aqui. No laboratório de Wertheimer, por volta de 1911, grande entusiasmo estava no ar. A ideia de Wertheimer era integrar uma teoria fisiológica na psicologia, e Koffka e Köhler, os dois pesquisadores que participaram como sujeitos do experimento do fenômeno *phi* (conduzido por Wertheimer em Frankfurt), viram isso como uma chance de libertação da prisão representada pela psicologia associacionista do final do século XIX (que carecia de concretude). No entanto, foi Köhler – não Koffka – quem desenvolveu totalmente a intuição de Wertheimer, explicando a hipótese do isomorfismo⁵.

Poderíamos simplificar e dizer que o isomorfismo⁶ significa que, quando estamos cientes de algo, algo equivalente está acontecendo em nosso sistema nervoso central. Assim, há uma semelhança (a ser definida) entre o campo fenomenal e a neurofisiologia.

O próprio Köhler enfatizou a necessidade de distinguir entre explicações verbais e conclusões reais e fundamentadas. Em *Place of Value* (1938) ele distingue entre “realizações verbais ao invés de substanciais”, especificamente em relação ao isomorfismo.

Wertheimer e Köhler concordam que a neurofisiologia e a fenomenologia são os domínios isomórficos. Em outras palavras, toda experiência tem uma estrutura neurofisiológica correspondente que a torna possível. Se percebermos um triângulo com três pontos não alinhados, haverá uma estrutura neurofisiológica que nos permitirá unificar os três estímulos em uma figura racional unitária. No entanto, não está claro se o isomorfismo diz respeito a estruturas ou funções (Luccio, 2010, p. 240). Em outras palavras, se considerarmos a

⁵ Para um estudo aprofundado do termo “isomorfismo” pelos teóricos da Gestalt Wertheimer, Köhler e Koffka, ver Luchins & Luchins (1999) e Luccio (2010).

⁶ Em álgebra abstrata, a palavra “isomorfismo” (do grego: *ισος isos* “igual” e *μορφή morphé* “forma”) se aplica quando duas estruturas complexas podem ser mapeadas uma na outra, de tal forma que para cada parte de uma estrutura há uma parte correspondente na outra estrutura (cf. Hofstadter como citado na Wikipedia).

capacidade de integrar diferentes estímulos em uma figura unitária, é a forma neurofisiológica correspondente uma estrutura encarregada da integração ou da função da integração de conexões sinápticas?

A fenomenologia da psicologia da Gestalt parece reunir o campo da consciência e o campo fenomenal⁷, identificando a realidade fenomenal (a própria experiência, o mundo interior) como seu principal objeto de pesquisa e distinguindo-a da realidade transfenomenal ou meta-empírica (o mundo biológico, físico e social, transcendente no que diz respeito à consciência)⁸. É, portanto, identificada como a “ciência do dado fenomenal imediato”. O dado fenomênico é o que é dado, o que é manifestado, o que é mostrado à consciência “aqui e agora”. O aspecto inovador dessa formulação é que todo dado fenomenal é imediato, toda experiência é direta; o tempo da experiência é “um aqui e agora sem parar”. Como afirmado por Lanfredini (2009, p. 140):

A consciência fenomenal é essencialmente, embora não completamente, intencional. Na verdade, embora existam experiências não intencionais – por exemplo, sensações – uma consciência que não é suprida com um certo grau de abertura para o mundo que toma forma enquanto se move em direção a objetos, eventos, processos e assim por diante, não pode ser definida como completamente intencional.

Portanto, a consciência deve ser caracterizada pela propriedade da intenção, a fim de ser distinguida do fenomenal, eu me torno consciente quando me ativo para o mundo. Este é também o elemento central da teoria da experiência de contato de acordo com a Gestalt-terapia (Perls *et al.*, 1951; Bloom, 2003). É importante mencionar que existem vários pontos de vista diferentes sobre o isomorfismo. Alguns estudiosos até associaram o conceito de isomorfismo ao dualismo cartesiano ou ontológico (por exemplo, a crítica de Boring, 1933; 1936). Como sublinhado por Toccafondi (2002), repetidamente, a Psicologia da Gestalt tem sido considerada neokantiana, idealista ou mesmo empirista.

A intuição revolucionária da Psicologia da Gestalt – e é isso que vale a pena sublinhar aqui – é assumir a existência de processos psicológicos unificadores (aos quais as estruturas fisiológicas correspondem) acima dos estímulos, e aplicar isso às relações humanas e às situações clínicas. A intuição clínica engenhosa de Perls era aplicar isso à psicanálise. As

⁷ A fenomenologia é a ciência que estuda o campo fenomênico, isto é, como a experiência direta do mundo ocorre.

⁸ A distinção entre fenomenal e físico foi abordada por Köhler (1938, 148 f.) que isenta que o corpo se refere à experiência fenomenal, enquanto o organismo se refere ao mundo físico.

neurociências fornecem evidências fisiológicas para apoiar isso.

Uma consequência desse ponto de virada epistemológica é a superação do pensamento dicotômico, uma base epistemológica da fenomenologia, que conecta nossa abordagem à Psicologia da Gestalt e, como veremos mais adiante, às neurociências.

Luccio (2010, p. 254) nos lembra: “Henle (1987) prova que é impossível colocar a Psicologia da Gestalt, e Wolfgang Köhler em particular, no quadro das dicotomias clássicas que têm sido amplamente empregadas em teorias psicológicas”. Isto é o que lemos na introdução do livro fundador, *Gestalt Therapy*:

Este livro concentra-se em (...) uma série de dicotomias neuróticas da teoria, levando a uma teoria do eu e sua ação criativa. Procedemos de problemas de percepção primária e realidade através de considerações de desenvolvimento humano e fala para problemas de sociedade, moral e personalidade. (Perls, Hefferline & Goodman, 1994, p. 17)

O princípio básico é permanecer com o que funciona e se desenvolve; com o que é, em vez de cair na armadilha de categorizar a realidade e de estabelecer o que deve ou não ser (Spagnuolo Lobb, 2013, p. 77).

No que diz respeito às neurociências, Damásio (2003, p.139) refere-se a James para afirmar que os sentimentos são necessariamente uma percepção do corpo real modificado pela emoção, colocando assim o corpo no centro da experiência e indo além da dicotomia cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa*. Outros neurocientistas contemporâneos, como Varela (Varela, Thompson & Rosch, 1991), LeDoux (1996), Kandel *et al.* (2000) levantaram a hipótese de uma *integração* entre os traços deixados no corpo pelos canais sensoriais e os traços corporais que já foram memorizados pelo sistema nervoso central (Piccolo, 2011, p. 507).

ISOMORFISMO E A COCRIAÇÃO DE SI MESMO NO LIMITE DE CONTATO NO CAMPO DO ORGANISMO-AMBIENTE

A descoberta dos neurônios-espelho – como sublinhado por Eagle & Wakefield (2011) – recorda incontestavelmente o conceito de isomorfismo proposto pelos teóricos da Gestalt antes dos anos 70⁹. Podemos pensar em uma concordância entre a Psicologia da Gestalt e a

⁹ Koffka, 1924: “...a percepção na mente de um espectador, se constituída de modo a abraçar o que está acontecendo no agente, deve possuir uma articulação semelhante. E, portanto, *a experiência do agente A e do observador B deve assemelhar-se um ao outro*” (Koffka 1924, 130-131. Nota: Grifo nosso. Citação tirada de Eagle & Wakefield 2011, 48).

teoria da simulação incorporada desenvolvida por Gallese (2003) sobre a franqueza perceptiva não-inferencial de nossa compreensão dos estados mentais internos dos outros¹⁰.

Claramente, a descoberta do neurônio-espelho, indicando alguma capacidade de representação direta dos sentimentos e intenções do outro - uma linguagem compartilhada, residente, em grande parte não aprendida, de significados emocionais que se registram perfeitamente em nossa percepção do outro - é totalmente consonante com a visão teórica da Gestalt. Em termos gerais, oferece evidências de algum tipo de correlato neural do outro experienciado, em que esse 'outro' é experimentado não simplesmente como um objeto, mas como uma 'subjetividade', com quem se compartilha uma linguagem comum de sentimento e cuidado. Isso é verdade, embora Köhler se concentre nos processos molares, não nos microprocessos (como no caso dos neurônios-espelho): "São apenas as estruturas macroscópicas que podem ser características comuns do mundo perceptivo e físico (Köhler, 1938, p. 146).

Mas qual é a vantagem que esse endosso pode dar à psicoterapia? Acredito que, de alguma forma, a descoberta dos neurônios-espelho e a subsequente teoria da simulação incorporada desenvolvida por Gallese (2003)¹¹ endossam ainda mais a ideia de que o isomorfismo é sobre a criação do *self* no limite do contato, e não o mero processo perceptivo. O que "reside" em nosso cérebro é a capacidade de se ajustar criativamente ao outro/ambiente, inferindo seus movimentos intencionais. Assim, o que é endossado pelo sistema espelho e pela teoria da simulação incorporada não é apenas uma modalidade perceptiva subjetiva, mas uma *capacidade adaptativa* que deve necessariamente envolver o outro, ou melhor, *o movimento do outro*, através de um processo espontâneo de ajustamento criativo, um fluxo contínuo de movimentos adaptativos que, para nós, correspondem ao desenvolvimento do *self* em contato (Spagnuolo Lobb, 2013).

Essa perspectiva tem implicações clínicas importantes: a abordagem antropológica básica é a de uma relação isomórfica também entre natureza e cultura (não apenas entre o fenomenal e a neurofisiologia), com uma visão positiva subsequente da natureza humana, que deve ser recuperada em vez de sublimada, em sua capacidade de ajustar criativamente, para perceber o outro racionalmente através dos sentidos (Spagnuolo Lobb, 2013). Impulsos como

¹⁰ Gallese (2003, 520): "(...) raramente nos envolvemos em *atos interpretativos explícitos e deliberados*. Na maioria das vezes, nossa compreensão da situação é imediata, automática e quase reflexa.

¹¹ Também cf. os estudos mencionados em Eagle & Wakefield (2011, p. 46): Fadiga *et al.*, 1995; Rizzolatti *et al.*, 1996; Grafton *et al.*, 1996; Dimberg, 1982; Dimberg & Thunberg, 1998; Dimberg, Thunberg & Elmehed, 2000; Lun-qvist & Dimberg, 1995.

fome ou agressividade (Perls, 1942) são ferramentas para ajuste e reconhecimento do mundo, não para o caos primordial. A psicoterapia deve ajudar a “entrar em contato” através dos próprios sentidos (onde a mente faz parte do processo sensorial).

Esse *traço de união* que conecta a Gestalt-terapia, a Teoria Gestalt e as neurociências é uma importante virada epistemológica na maneira como abordamos o diagnóstico e o tratamento.

A FENOMENOLOGIA DO CONTATO COCRIADO

Especificamente, a Gestalt-terapia lida com o que acontece no “entre”, no espaço limite “entre” organismos em contato (o *self* é definido como o processo de contato, conforme Perls *et al.*, 1994). Quando se encontram, os organismos formam um campo experimental no qual emergem energias que – através de um processo de adaptação mútua e criativa – levam ao crescimento. O foco – em particular, no que diz respeito à Gestalt-terapia contemporânea – é sobre o que acontece na fronteira, e não sobre os efeitos do crescimento individual.

A Psicologia da Gestalt, historicamente, desenvolveu uma compreensão fenomenológica dos processos de percepção e, conseqüentemente, lidou, entre outros, com o problema da consciência¹². A Gestalt-terapia, em sua tentativa de integrar a abordagem fenomenológica à psicanálise, concentrou-se no processo de contato entre psicoterapeuta e cliente, no aqui e agora. Ambos se concentram no lugar e no tempo em que o cliente, com sua dor e desejo de viver uma vida melhor, e o psicoterapeuta, com sua ciência, arte e compaixão para com o mundo, sincronizam suas intenções a fim de transformar uma história de sofrimento relacional em uma história de capacidade espontânea de alcançar o outro¹³.

Como Gestalt-terapeuta, meu conhecimento dos conceitos da Psicologia da Gestalt sobre o *self* é limitado, e descreverei a teoria da Gestalt-terapia melhor do que a Psicologia da Gestalt, cujos conceitos de ego e de *self* são diferentes em muitos aspectos da teoria da Gestalt-terapia do *self* (principalmente por razões epistemológicas). Mas eles também compartilham alguns pontos, e um em particular: ambos veem o ego e o *self* não como entidades fixas, mas como processos de campo (embora tenham conceitos de campo diferentes).

Quase meio século após o nascimento da Psicologia da Gestalt – em resposta às necessidades da época, para reavaliar o papel do ego e dar voz à alma democrática (e

¹² Em alguns aspectos, em paralelo com o pragmatismo americano e as teorias da consciência de Dewey & James (duas raízes, inter alia, da terapia Gestalt), na tentativa de resolver a questão da percepção consciente e inconsciente.

¹³ Ver Walter (1990) para uma descrição da conexão entre a Psicologia da Gestalt e a terapia Gestalt.

potencialmente anárquica) de seus fundadores – a Gestalt-terapia sugeriu que a resposta criativa (de acordo com a teoria ativa e integrada de Wertheimer) não apenas permite que o organismo sobreviva: também permite que o indivíduo pertença feliz à sociedade (Spagnuolo Lobb *et al.* 1996). Essa nova abordagem modificou as tendências da época, fundando uma teoria do self capaz de apreender a espontaneidade da experiência de contato entre o organismo e seu ambiente *in fieri*.

Portanto, o *self*, a dobradiça sobre a qual todas as abordagens psicoterapêuticas se baseiam, é concebido na Gestalt-terapia¹⁴ como a capacidade do organismo de fazer contato com seu ambiente – espontaneamente, deliberadamente e criativamente. A função do *self* é entrar em contato com o ambiente (em nossa terminologia, o “como” da natureza humana) (Spagnuolo Lobb 2013); é regulado pela dinâmica do ajustamento criativo (Spagnuolo Lobb & Amendt-Lyon, 2003).

Para a Gestalt-terapia, o *campo organismo/ambiente* é um conceito¹⁵, portanto, experiencial. A perspectiva de campo nos permite pensar a percepção como um ‘produto relacional’ estritamente ligado à plenitude da concentração dos indivíduos envolvidos na fronteira de contato. Desta forma, eles são capazes de compreender tanto o que é interno quanto o que é externo – tanto as necessidades ou experiências do eu quanto as demandas e as condições ambientais (Spagnuolo Lobb 2013)¹⁶.

Hoje, a comunidade Gestáltica vê um interesse renovado no estudo da fenomenologia no que diz respeito à intencionalidade, ao *do-agora-para-o-que-está-por-vir*¹⁷. A cocriação da experiência terapêutica é motivada – apoiada e dirigida – por uma intencionalidade, que para a abordagem da Gestalt é sempre uma intencionalidade de contato com o outro (Spagnuolo Lobb 2013).

Os processos de integração, – que os psicólogos da Gestalt entenderam como uma dinâmica individual de percepção, embora influenciados pelo campo em que o indivíduo está

¹⁴ O livro de Perls, Hefferline & Goodman (1951) ao qual a fundação da terapia Gestalt é geralmente atribuída.

¹⁵ O conceito de organismo-ambiente-campo em Perls *et al.* (1951) foi emprestado de Gardner Murphy, que foi o primeiro a usar esse termo e a delinear o conceito por trás dele em 1947 em seu livro então muito popular e influente *Personalidade: Uma Abordagem Biossocial às Origens e Estruturas*. Seu conceito de biossocial inclui sem distinção o “biológico” e o “social” (e fenomenal). Nesse sentido, opõe-se ao conceito de campo de Wertheimer, Köhler e Koffka (cf. Koffka, 1935). O conceito de Murphy, importado por Goodman para o livro fundador da terapia Gestalt (Perls *et al.* 1951), de um lado pode colidir com o fio fenomenológico principal, do outro expressa o desejo dos fundadores de superar dicotomias culturais no pensamento da Gestalt-terapia.

¹⁶ Ver Cavaleri (2001) e Parlett (2005) para um exame aprofundado da perspectiva do campo fenomênico.

¹⁷ No original, *now-for-next*. (Nota do tradutor)

inserido – na Gestalt-terapia, são aplicados ao processo de contato com o ambiente. Esse movimento em direção à única realidade disponível aos nossos sentidos, em outras palavras, o contato entre nosso próprio eu e o mundo (o momento em que a consciência acontece é um momento de contato, no qual os sentidos são ativados), foi precisamente a mudança de perspectiva pela qual a Gestalt-terapia passou. Trata-se de uma passagem – talvez ainda imatura – no texto fundador de Perls, Hefferline & Goodman (1951), como enfatizam Wheeler (2000) e Macaluso (2014), que destacaram a perspectiva – ainda individualista em sua maior parte – de Perls *et al.* No entanto, certamente foi muito desenvolvido desde os anos 80 até hoje (Yontef, 1993; Ullman & Wheeler, 2009; Jabobs & Hycner, 2010; Spagnuolo Lobb, 2010).

O sentimento do cliente é apreendido em sua tensão em relação ao outro significativo no aqui e agora e o sentimento do psicoterapeuta é usado como “mundo da vida” do cliente, como *ambiente espontâneo*, o qual reage ao cliente e é, por sua vez, promovido por ele, com a diferença, em comparação com o cliente, que o psicoterapeuta tem um mapa para ler o contato que está ocorrendo no aqui e agora do encontro terapêutico (Spagnuolo Lobb, 2013). A fronteira de contato entre psicoterapeuta e cliente é o local da psicoterapia e o cliente tende a ser *mais espontâneo* com o psicoterapeuta do que tem sido capaz de ser em relacionamentos significativos anteriores. O trabalho terapêutico, para nós, não consiste na análise, mas no reconhecimento relacional daquela intencionalidade de contato que havia sido bloqueada.

Aqui está uma breve interação, parte de uma sessão¹⁸ na qual a intencionalidade do contato é bloqueada por formas de introjeção que impedem uma expansão completa do *self*:

Cliente: Eu acho que, basicamente, você sabe que não há esperança para mim: talvez eu tenha feito um pequeno progresso, você tem sido muito boa comigo, mas eu nunca vou ser uma voadora alta (pessoa bem-sucedida). Você sabe disso. Você voa alto, eu não.

A cliente sente uma mistura de medo para expandir, inveja e amor pela psicoterapeuta. Também podemos sentir seu desejo de superar o medo e ser ela mesma.

A psicoterapeuta apoia o “gesto interrompido” da cliente, partindo do afeto que sente por ela.

Psicoterapeuta: Há espaço para duas pessoas voarem alto (bem-sucedidas). E eu realmente gostaria que você abrisse suas asas, subisse ao céu e que nos divertíssemos

¹⁸ De Spagnuolo Lobb 2013, p. 135.

juntas.

C.: Você realmente gostaria disso?

P.: Sim, eu gostaria que, enquanto estivéssemos voando, você me dissesse as falhas na maneira como eu voou, poderíamos até brincar de dizer uma à outra nossas falhas!

A cliente pode, assim, reapropriar-se – por meio do jogo – da espontaneidade de dizer: “O rei está nu”, uma espontaneidade que antes estava congelada pela rigidez de um ambiente que não aceitou a energia da diferenciação.

C.: Eu acho que você voaria com um livro sobre psicologia na mão: você nunca desistiria do seu estilo intelectual!

P: E eu acho que enquanto você estivesse voando, você estaria preocupada em ver se eu estava relaxada ou com raiva de você... mas eu acho que você iria abrir suas asas de qualquer maneira e iria saborear sua energia.

C.: Sim, eu acho que posso fazer isso agora. Eu sei que você não se sente limitada ou assustada se eu liberar energia *(Ela se levanta e abre os braços como se estivesse voando. Ela olha para mim e sorri alegremente)*.

Ao cocriar a fronteira de contato a partir de suas diferentes intenções convergentes, a psicoterapeuta e a cliente permitem a reconstrução de uma história de relacionamento na qual os sentidos estão disponíveis (ou seja, não prejudicados pela ansiedade) e apoiam o desenvolvimento da intencionalidade do contato. O ponto é permitir que uma alcance a outra, o que resulta em um senso de autocrescimento, em vez de automortificação.

O PARADIGMA COMPARTILHADO DO MOMENTO FUGAZ

Para todas as três abordagens, o foco da pesquisa está no desenvolvimento da experiência com o outro (ou com o mundo), entendida como dados perceptivos que geram um movimento, uma tensão para frente que emerge em um campo fenomenológico. Esse paradigma compartilhado muda o foco da observação e da psicoterapia no “entre” em constante evolução entre o *self* e o mundo, e implica que a ação terapêutica deve ocorrer nesse “entre” – em outras palavras, dentro do contato entre psicoterapeuta e cliente, o espaço e o tempo fugaz em que o que importa é a música, a maneira pela qual certos traços de emergência são ativados por ambos os lados para se adaptar criativamente à situação dada.

As descobertas da neurociência – segundo as quais certos processos empáticos são ativados apenas quando o observador é capaz de ver um movimento intencional do outro – nos fazem pensar que a evolução e a adaptação das espécies são realizadas precisamente no desenvolvimento do contato, ou seja, no momento em que os sujeitos se movem em direção um ao outro. Esse é o momento fugaz e crucial no qual as mudanças são feitas, não aquele subsequente em que uma pessoa processa as experiências que teve.

Certamente, compreender ou intervir no momento fugaz do contato é muito mais difícil do que compreender ou tentar intervir nos rastros deixados pela experiência no indivíduo. No entanto, é a isso que a epistemologia que mescla as três abordagens nos leva, e também é o maior desafio da psicologia contemporânea, juntamente com as novas categorias de movimento e de ação em direção a algo.

Os estudos mais recentes nos mostram que a consciência não responde realmente à categorização dos dados, mas à integração de diferentes informações. Assim, quanto mais vivos estamos, mais somos capazes de dar respostas sempre novas, porque nosso cérebro integra várias informações de maneiras diferentes, e até mesmo uma pequena modificação em um fator pode mudar a solução final. É o que afirmam os neurocientistas Edelman & Tononi (2000) quando definem a consciência como uma “teoria da informação integrada”.

Cabe aqui recordar os recentes avanços teóricos de Daniel Stern (2011) em seu livro *Forms of Vitality*, no qual o psicanalista, teórico do desenvolvimento e pesquisador, referindo-se à estética da percepção, afirma que o movimento é a unidade perceptiva *por excelência*: o significado que damos às ações que vemos está relacionado ao ato de construir uma história, dando movimento e sequencialidade às imagens, mesmo quando elas são estáticas.

Em resumo, o isomorfismo, baseado na atividade sensorial do aqui-e-agora e no imediatismo do fenômeno percebido – que encontra uma correspondência nas funções ou estruturas neurológicas – muda o foco da atenção para a percepção como uma ação, entendida como dados sensoriais imediatos, e para o processo de criação de “boa forma”, de integração harmoniosa e significativa de dados sensoriais.

O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* NA FRONTEIRA DE CONTATO NA PRÁTICA CLÍNICA

Tenho o prazer de concluir este trabalho com um exemplo clínico, tirado de uma sessão ao vivo que realizei na presença de Vittorio Gallese, e sobre a qual ele comentou mais tarde¹⁹.

¹⁹ Tanto a sessão quanto o comentário ocorreram durante uma reunião com o Professor Gallese, organizada pelo

A cliente era uma jovem psicoterapeuta (desconhecida para mim) treinada em outra abordagem, que se disponibilizou como voluntária. Ela reclama de sua dificuldade em sentir emoções quando está em um ambiente psicoterapêutico com seus clientes.

Psicoterapeuta: *(sorri)* Feche os olhos, sinta seu próprio corpo, respire.

Silêncio. A cliente inicia o experimento).

Cliente: Consigo ouvir meu coração bater.

P.: O que eu quero que você faça é o mesmo movimento que seu coração faz, com a minha mão.

C.: *(Concorda com a cabeça, aproxima-se da psicoterapeuta)* O que eu tenho que fazer?

P: Seu coração, com minha mão.

C.: Você quer dizer que eu tenho que segurar... *(a cliente segura a mão da psicoterapeuta)*. Posso fechar os olhos?

P.: Sim.

(Seus movimentos das mãos se assemelham a um coração batendo).

P: Você me move tanto, é como sentir o centro do seu ser.

C.: *(Sorri)*

P.: Eu posso sentir você. *(Silêncio)* Você tem um bom batimento cardíaco. Eu sinto que você está lá.

C.: É o mesmo para mim, porque eu posso sentir você também.

P.: Agora, em vez de falar *sobre* o que está acontecendo, deixe o movimento falar: fique no movimento do seu coração, como você já está fazendo. Veja se alguma palavra vem desse movimento.

C.: Devo continuar com a batida?

P.: Sim, sim: continue com a batida.

Silêncio.

C.: Bem, as palavras estão relacionadas a sensações físicas, como calor. (...) Eu também posso sentir o prazer do contato. É uma sensação agradável.

P: Você sente que eu estou aqui?

C: Sim

Istituto di Gestalt HCC Itália em fevereiro de 2011, em Palermo. Eles foram publicados na revista *Quaderni di Gestalt*, 2011/2, 91-99. Cf. também Spagnuolo Lobb (2011, p. 117-129) por uma análise sistemática da prática clínica da Gestalt do momento fugaz ou *agora-para-próximo*.

(As mãos da cliente param por um momento e a psicoterapeuta aperta suavemente a mão dela).

P.: Sempre que você se perder, eu vou estimulá-la, e dizer-lhe "volte".

C.: *(Sorrindo, com os olhos ainda fechados)* Sim, como se você estivesse me mostrando o caminho.

Silêncio.

P.: Respire.

C.: Então, é claro, eu me sinto um pouco confusa.

P.: Abra os olhos. *(Ela abre os olhos)* Como está agora?

C.: *(Sorri)* Menos confusa... e ainda me sinto bem!

P: Você está envergonhada?

C.: Não, não é constrangimento, é uma emoção agradável. O constrangimento, para mim, pertence a uma categoria muito diferente de emoções. É bem legal. Eu não sei, eu não posso defini-la, é uma mistura de uma emoção que é complexa (e assim não é simples), de serenidade e felicidade, como uma descoberta.

P: Você se sentiu reconhecida?

C.: Respeitada, pelo que eu sou. Eu me sinto reconhecida.

P.: Um bom batimento cardíaco reconhecido.

C.: *(Sorri)*

P.: Foi bom conhecer o bater do seu coração. (...) Espero que descubra suas emoções.

C.: Obrigada.

P.: Seu batimento cardíaco é realmente bom. *(Sorri)*.

C.: *(Risos)* Obrigada. *(Eles soltam as mãos)*. (...) Eu me sinto muito bem, estou comovida, mas essas são todas emoções positivas. Até o medo parecia pertencer às emoções boas, como se fosse uma espécie de ativação saudável. Tenho que dizer que senti a presença deles *(dirigindo-se ao público)* (...), e isso não me incomodou.

P.: Obrigada, é bom ver você mais brilhante e mais radiante.

O objetivo “estabelecido” desta sessão foi alcançar a emoção (em resposta ao pedido da cliente). Na evidência sensorial, experimentada na solidão (o coração batendo), eu a levei a fazer contato comigo. Eu disse a ela: “Faça seu coração comigo”, assumindo que a experiência do batimento cardíaco era sua experiência na fronteira de contato comigo. (Spagnuolo Lobb & Gallese, 2011).

Como também delineado nos comentários do professor Gallese após a sessão, em uma

abordagem fenomenológica, apoiamos o que já funciona e já tem um movimento para frente, uma intencionalidade, a fim de permitir que o cliente recupere, no aqui e agora do contato com o psicoterapeuta, sua intencionalidade interrompida (Spagnuolo Lobb & Gallese, 2011).

Uma consequência clínica importante da mudança de paradigma que essas três abordagens compartilham é que a ação terapêutica não visa uma compreensão mais profunda dos processos internos, mas uma consciência aumentada (presença nos sentidos, com uma carga energética relacionada em direção ao contato), que dá significado ao ser-com o outro. Essa consciência é composta de funções fisiológicas; de processos mentais de integração de percepções, de emoções; de *gestalten* abertas e desejos de realizar o próprio modo de ser com o outro, da definição de um eu que é capaz de sentir e querer. É definido em um movimento particular para frente, que eu chamo do-agora-para-o-que-está-por-vir (Spagnuolo Lobb, 2013). Toda essa complexidade aparece na fronteira de contato com o psicoterapeuta durante a sessão – a única realidade vivenciada na qual é possível agir, criar mudanças.

CONCLUSÃO

Para o psicoterapeuta da fronteira, como para o psicólogo da Gestalt, o foco de interesse pode ser a palavra não dita, bem como o gesto fracassado, no aqui e agora do contato terapêutico, destinado tanto a processos psicológicos quanto neurológicos.

A Psicologia da Gestalt forneceu uma ferramenta para observar a percepção enquanto permanece aderente à realidade dos sentidos. O que vemos é a única realidade da qual podemos ser testemunhas, e a maneira pela qual a percebemos é a única – relativa – realidade com a qual podemos lidar.

Essa perspectiva é comum à Psicologia da Gestalt, à Gestalt-terapia e às neurociências. Todas as três disciplinas optam por lidar com o campo fenomenal, embora com diferentes acentos, e o conceito de isomorfismo é, em certo sentido, a expressão disso.

Este artigo fornece uma plataforma para o reconhecimento da intersubjetividade que está profunda e plenamente inserida na experiência humana, com a individualidade sendo substancialmente uma função da relação eu-outro, com a experiência nesse local de contato sendo a mais significativa e reveladora e com a maior oportunidade de revelação e mudança positiva.

REFERÊNCIAS

- Blankenburg, W. (1998, ed. or. 1971). *La perdita dell'evidenza naturale*. Milano: Raffaello Cortina.
- Bloom, D.J. (2003). Tiger! Tiger! Burning Bright – Aesthetic Values as Clinical Values in Gestalt Therapy. In: Spagnuolo Lobb M. & Amendt-Lyon N. (eds.): *Creative License. The Art of Gestalt Therapy*. Wien, New York: Springer, 63-77.
- Bocian, B. (2012, ed. or. 2007). *Fritz Perls a Berlino: 1983-1933. Espressionismo, psicoanalisi, ebraismo*. Milano: FrancoAngeli.
- Boring, E.G. (1933). *The Physical Dimensions of Consciousness*. New York: The Century Company.
- Boring, E.G. (1936). Psychophysiological systems and isomorphic relations. *Psychological Review*, 43, 565-587. DOI: doi.org/10.1037/h0059300
- Cavaleri, P.A. (2001). Dal campo al confine di contatto. Contributo per una riconsiderazione del confine di contatto in psicoterapia della Gestalt. In: Spagnuolo Lobb M. (ed.). Milano: FrancoAngeli, 42-64.
- Damasio, A. (2003). *Alla ricerca di Spinoza. Emozioni, sentimenti e cervello*. Milano: Adelphi.
- Dimberg, U. (1982). Facial reactions to facial expressions. *Psychophysiology*, 19, 643-647. DOI: doi.org/10.1111/j.1469-8986.1982.tb02516.x *Psicoterapia della Gestalt. Ermeneutica e clinica*,
- Dimberg, U. & Thunberg M. (1998). Rapid facial reactions to different emotionally relevant stimuli. *Scandinavian Journal of Psychology*, 39, 39-45. DOI: doi.org/10.1111/1467-9450.00054
- Dimberg, U., Thunberg M. & Elmehed K. (2000). Unconscious facial reactions to emotional facial expressions. *Psychological Science*, 11, 1, 86-89. DOI: doi.org/10.1111/1467-9280.00221
- Eagle, M.N. & Wakefield J.C. (2011). La psicologia della Gestalt e la scoperta dei neuroni specchio. *Quaderni di Gestalt*, XXIV, 2, 45-52. DOI: 10.3280/GEST2011-002005 (ed. or. 2007/2010). English (2007). Gestalt Psychology and the Mirror Neuron Discovery. *Gestalt Theory*, 29,1, 59-64. Deutsch (2010): *Die Gestaltpsychologie und die Entdeckung der Spiegelneuronen. Phänomenal*, 2,1, 3-8.
- Fadiga, L., Fogassi, L. & Rizzolatti G. (1995). Motor facilitation during action observation: A magnetic stimulation study. *Journal of Neurophysiology*, 73, 2608-2811.
- Gallese, V. (2003). The manifold nature of interpersonal relations: the quest for a common mechanism. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London B*, 358, 517-528 (trad. it. (2003): *La molteplice natura delle relazioni interpersonali: la ricerca di*

- un comune meccanismo neurofisiologico*. *Networks*, 1, 24-47).
- Grafton, S.T., Arbib M.A., Fadiga L. & Rizzolatti G. (1996). Localization of grasp representations in human by PET: 2. Observation versus imagination. *Experimental Brain Research*, 112,103-111. DOI: doi.org/10.1007/BF00227183
- Edelman, G. & Tononi G. (2000). *Un universo di coscienza. Come la materia diventa immaginazione*. Torino: Einaudi.
- Jabobs, L. & Hycner R. (eds) (2010). *Relational Approaches in Gestalt Therapy*. Santa Cruz, CA: Gestalt Press, published and distributed by Routledge, Taylor and Francis Group New York.
- Kandel, E.R., Schwartz J.H. & Jessel, T.M. (2000). *Principles of Neural Sciences*. 4th edition. New York: McGraw-Hill.
- Köhler, W. (1938). *The place of value in a world of facts*. New York: Liveright.
- Koffka, K. (1924). *Growth of the Mind*. New York: Harcourt, Brace & Co.
- Henle, M. (1984). Isomorphism: Setting the record straight. *Psychological Research*, 46, 317-327. DOI: doi.org/10.1007/BF00309065
- Henle, M. (1987). On breaking out of dichotomies. *Gestalt Theory*, 9, 140-149.
- Lanfredini, R. (2009). Il problema mente-corpo nella fenomenologia: un caso di a priori materiale? *Scienza e Filosofia*, 2, 140-150.
- LeDoux, J. (1996). *The Emotional Brain: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life*. New York: Simon & Schuster (trad. it.: *Il cervello emotivo: alle radici delle emozioni*. Milano: Baldini e Castoldi, 1998).
- Luccio, R. (2010). Anent Isomorphism and its Ambiguities: From Wertheimer to Köhler and Back to Spinoza. *Gestalt Theory*, 32, 3, 219-262.
- Luchins, A.S. & Luchins E.H. (1999). Isomorphism in Gestalt Theory: Comparison of Wertheimer's and Köhler's Concepts. *Gestalt Theory*, 21, 3, 208-234.
- Lunqvist, L.O. & Dimberg, U. (1995). Facial expressions are contagious. *Journal of Psychophysiology*, 9, 203-211.
- Parlett, M. (2005). Contemporary Gestalt therapy: Field theory. In: Woldt, A.L. & Toman, S.M. (eds). *Gestalt therapy: History, theory, and practice*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 41-63.
- Perls, F. (1942/1947/1969a). *Ego, Hunger and Aggression: a revision of Freud's Theory and Method*. London: G. Allen & Unwin, 1947; New York: Random House, 1969 (trad it.: *L'io, la fame e l'aggressività*. Milano: FrancoAngeli, 1995).
- Perls, F., Hefferline R. & Goodman P. (1994, ed. or. 1951). *Gestalt Therapy: Excitement and*

- Growth in the Human Personality*. New York: The Gestalt Journal Press (trad. it.: Terapia e pratica della terapia della Gestalt, Vitalità e accrescimento della personalità umana. Roma: Astrolabio, 1971; 1997).
- Piccolo, M.S. (2011): Il fraseggio del corpo in psicoterapia. Alcune riflessioni a partire dalla teoria delle emozioni di William James. *Psicoterapia e Scienze Umane*, XLV, 4, 499-522.
- Rizzolatti, G., Fadiga L., Gallese V. & Fogassi L. (1996): Premotor cortex and the recognition of motor actions. *Cognitive Brain Research*, 3, 131-141. DOI: doi.org/10.1016/0926-6410(95)00038-0
- Rubino, V. (2011): Empatia incarnata tra psicoterapia della Gestalt e neuroscienze. *Quaderni di Gestalt*, XXIV, 2, 59-68. DOI: 10.3280/GEST2011-002007
- Spagnuolo Lobb, M. (2010). The Therapeutic Relationship in Gestalt Therapy. In: Jacobs L. & Hycner, R. (eds). *Relational Approaches in Gestalt Therapy*. Santa Cruz, CA: Gestalt Press, published and distributed by Routledge, Taylor and Francis Group New York, 111-129.
- Spagnuolo Lobb, M. (2013a). *The Now-for-Next in Psychotherapy. Gestalt Therapy Recounted in Post-Modern Society*. Istituto di Gestalt HCC Italy Publ. House (www.gestalt.it/eng).
- Spagnuolo Lobb, M. (2013b). Developmental Perspective in Gestalt Therapy. *Gestalt Review*, 13, 1, 47-61.
- Spagnuolo Lobb, M. (2013c). Isomorfismo: un ponte concettuale tra psicoterapia della Gestalt, psicologia della Gestalt e neuroscienze. In: Cavaleri, P.A. (ed). *Psicoterapia della Gestalt e neuroscienze. Dall'isomorfismo alla simulazione incarnata*. Milano: FrancoAngeli, 82-108.
- Spagnuolo Lobb, M. & Amendt-Lyon, N. (eds) (2003). *Creative License: The Art of Gestalt Therapy*. Wien-New York: Springer (trad it.: Il permesso di creare. L'arte della psicoterapia della Gestalt. Milano: FrancoAngeli, 2007).
- Spagnuolo Lobb, M. & Gallese, V. (2011). Il now-for-next tra neuroscienze e psicoterapia della Gestalt. *Quaderni di Gestalt*, XXIV, 2, 11-26. DOI: 10.3280/GEST2011-002002
- Stern, D.N. (2010). *Forms of Vitality. Exploring Dynamic Experience in Psychology and the Arts*. USA: Oxford University Press (trad. it.: Le forme vitali. L'esperienza dinamica in psicologia, nell'arte, in psicoterapia e nello sviluppo. Milano: Cortina, 2011).
- Toccafondi, F. (2002). Receptions, readings and interpretations of Gestaltpsychologie. *Gestalt Theory*, 24, 3, 199-211.
- Yontef, G.M. (1993). *Awareness, Dialogue and Process. Essays on Gestalt Therapy*. Highland, Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica | Vol. XXIX | nº 1 | Ano: 2023

NY: The Gestalt Journal Press.

Ullman, D. & Wheeler, G. (eds) (2009). *Cocreating the Field: Intention and Practise in the Age of Complexity*. (Evolution of Gestalt). Vol. 1. New York: Routledge, Taylor and Francis for Gestalt Press.

Varela, F., Thompson, E. & Rosch, E. (1991). *The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience*. Cambridge, MA: MIT Press.

Walter, H.-J.P. (1990). What do Gestalt therapy and Gestalt theory have to do with each other? *The Gestalt Journal*, 22 (1), 45–68. (First published in *Gestalt Theory*, 6 (1), (1984), 55-69). See also gestalttheory.net/archive/hjw1984.html

Wheeler, G. (2000b). *Beyond Individualism: Toward a New Understanding of Self, Relationship, and Experience*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.

Margherita Spagnuolo Lobb, b. 1956, Diretora do Instituto di Gestalt HCC Italy (Siracuse, Palermo, MILAN) www.gestalt.it. Instrutora Internacional e Supervisora, Membro Titular do Instituto de Terapia Gestalt de Nova York, Presidente da Federação Italiana de Institutos de Treinamento Gestalt. Editora do Italian Journal *Quaderni di Gestalt*, da *Italian Gestalt Therapy Book Series* (Angeli Publ); Co-editor da *English Book Series*. Seu livro mais recente: *The Now-for-Next in Psychotherapy. Gestalt Therapy Recounted in Post Modern Society* (2013), disponível em 7 idiomas, inclusive em português.

Endereço: Via San Sebastiano 38, 96100 Siracusa, Itália.

E-mail: margherita.spagnuolo@gestalt.it

Recebido em 10/06/2023

Primeira decisão Editorial: 10/07/2023

Aceito em: 10/10/2023